

## NOTÍCIAS DE ANTONIO CONSELHEIRO

José Calasans

### 1. CHAMAVA-SE Antonio Vicente Mendes Maciel.

Na meninice, em sua terra natal, segundo depoimento de um contemporâneo ilustre, o jornalista João Brígido dos Santos, era conhecido por Antonio Vicente. Homem feito, chamavam-no, também, Maciel. Depois, quando ganhou celebridade nos sertões nordestinos, passou a ser Irmão Antonio, Antonio Conselheiro, Santo Antonio Aparecido, Santo Conselheiro. Finalmente, atingida a culminância do seu prestígio no seio do povo sertanejo: Bom Jesus Conselheiro.

Nina Rodrigues observou que os apelidos mais espalhados – Antonio Conselheiro e Bom Jesus Conselheiro – representavam etapas no processo evolutivo da doença mental do milagreiro. “Penetrando nos sertões da Bahia” escreveu o autor citado, “já Antonio Maciel levava finalmente descoberta a fórmula do seu delírio. E o batismo de Antonio Conselheiro sob o que o ministro ou enviado de Deus inicia a sua carreira de missionário e propagandista da fé era o átrio apenas de onde a loucura religiosa o havia de elevar ao Bom Jesus Conselheiro da fase megalomaniaca da sua psicose.” Interpretação de psiquiatra. Para as populações fanáticas, todavia, os nomes tinham outra significação. Serviam para distinguir. “Conselheiros” existiam muitos na época. Um deles, o “conselheiro” Guedes, em Pernambuco, usava hábito carmelita, tinha 10 filhos, possuía engenho, não comia em casa de pecador. Falou-me Manuel Ciriaco num “conselheiro” Francisco, “cabra divertido”, que prestou serviços na edificação da igreja do Cumbe, hoje Euclides da Cunha. Existiam, repitamos, e ainda existem “conselheiros”, conforme relata, em livro dos nossos dias, o padre Heitor Araujo. Bom Jesus Conselheiro, porém, só houve um: aquele peregrino virtuoso, magro, de pouca conversa, cujas feições lembravam as de Jesus Cristo. O Conselheiro, disse-me o falecido des. Sálvio Martins, que o conheceu pessoalmente, parecia com estas imagens de

Senhor dos Passos das procissões da semana santa. E acrescentou, com propriedade de comentário: “Esta semelhança fisionômica parece haver contribuído bastante para o endeusamento do Conselheiro”. Como que o povo via no cearense de Quixeramobim a figura de Cristo. Antonio Conselheiro, aliás, sentindo a Impressão que causava, procurava desfazê-la, impedindo que os fiéis se ajoelhassem diante dele quando lhe pediam a benção. “Deus é outra pessoa”, costumava dizer, segundo Pedrão e Manuel Ciriaco informaram ao infelizmente repórter Luciano Carneiro. Preferia ser Conselheiro: “sou Maciel no nome e Conselheiro no coração”, exclamava, às vezes – recolheu o romancista Paulo Dantas, bom conhecedor da vida de Canudos.

Não era Deus e sim conselheiro. Todos deviam chamá-lo de “Meu pai”. Eugênio de Siqueira, tipógrafo sergipano que visitou o **santo** no arraial do Belo Monte, contou a Inácio Raposo ter sido advertido por um jagunço que “era grande falta de respeito tratar o velho religioso por outra fórmula que não fosse meu pai”. Eugênio, durante a visita, ouviu uma abastada senhora da redondeza, que levara algum dinheiro, chamá-lo sempre de “meu pai”. E com o maior respeito. A maneira de tratar, evidentemente, fora aprendida com o padre Ibiapina, a quem o Conselheiro parece ter seguido durante algum tempo. No sertão, o famoso sacerdote era conhecido por “meu pai”. O Bom Jesus seguiu a fórmula. Também recebeu outras influências de Ibiapina. Construir igrejas, peregrinar pelos sertões, verberar contra o luxo, dar conselhos, foram algumas, delas. Antonio Conselheiro pregava aos sertanejos, frequentemente. Iniciava seus conselhos, como os sermões dos padres, com sentenças latinas. Neste sentido, podemos invocar o testemunho de Caldas Brito, que ouviu o Santo Conselheiro falando no povoado Tanquinho, perto da então vila de Inhambupe, neste Estado. “Pesignou-se”, escreveu a testemunha, “e as suas primeiras palavras foram num latinório truncado, verdadeiras silabadas na língua de Horácio”. O Conselheiro, de certo modo, impressionou seu ouvinte, tanto assim que Caldas Brito observou: “inteligência superior e conhecedor da leitura da Bíblia, pareceu-me que o Conselheiro havia em moço estudado latim e português”. Era verdade. João Brígido, seu

condiscípulo, afirma que ele tinha “certa cultura” e “começara estudos de latim”. Fora aluno do professor Manuel Antonio Ferreira Nobre, em Quixeramobim, afiançou um neto do mencionado mestre. A notícia de que Antonio Conselheiro traduzia facilmente o idioma do Lácio, recolhida por Inácio Raposo nos sertões, não deve, porém, ser considerada verdadeira. Tudo indica que seu “latinório era truncado” mesmo.

Autêntico chefe carismático. Um magistrado, que duas vezes conversou com o Bom Jesus, deixou-nos excelente página a respeito da singular personalidade sertaneja, num trabalho pouco divulgado. Genes Fontes, bacharel do Recife que exerceu a magistratura na Bahia, contou seus dois encontros com o Conselheiro, numa correspondência enviada ao jornal “A República”, do Rio, em 1897. Fixou bem o olhar do místico. “O que lhe dava o tom à fisionomia era o olhar. O olhar boiava”, disse G. F., “naquela abstração vaga, naquela expressão e cisma indefinível que caracterizam os místicos, os sonhadores, os alucinados. Fitava um ponto do espaço, olhando sem ver, absorvido em êxtases”. Assim em 1879, quando houve o primeiro encontro, que terminou com um gracejo do então acadêmico de direito. Em 81, porém, a situação se apresentava bem diferente. “Senti”, são palavras do juiz, “que lidava com um profeta, com um dominador de multidões. O seu olhar já não tinha a mesma abstração antiga. O hábito de comando tinha temperado o misticismo”. Genes Fontes não teve mais coragem de indagar como fizera anteriormente, de que tamanho era Deus. Já não me acudiu de modo algum a ideia de repetir qualquer gracejo análogo ao que disse em Lagarto”, confessou. E concluiu, com espírito, após dizer que nunca mais vira o líder carismático: “Cada um de nós seguiu o seu rumo; eu, segundo disse Guerra Junqueiro, para ser como toda gente um bacharel formado; ele, como raríssima gente, um profeta ...”.

Somente aconselhava para o bem. Odorico Tavares, entrevistando os sobreviventes de Canudos, meio século depois da liquidação do denominado Império do Belo Monte, apurou a unanimidade das opiniões: “O Bom Jesus foi um

santo homem que somente aconselhava para o bem”. Julgamento de coevos que ouviram os conselhos do pregador. Merece registro nesta série de notícias de Antonio Conselheiro, recolhidas aqui, ali e acolá, com a finalidade de fornecer elementos idôneos a quem deseje traçar um perfil exato do maior chefe carismático do Brasil.

2. Julgamos haver sido em 1876 que Antonio Vicente Mendes Maciel, Antonio Conselheiro de alcunha, também depois cognominado Bom Jesus Conselheiro, apareceu no noticiário da imprensa baiana. Pelo menos foi o que conseguimos apurar até o momento. Vejamos, pois, as notícias divulgadas, no ano acima citado, às quais anotaremos, quando para tanto dispusermos de elementos.

A primeira informação a respeito do Conselheiro figura, a 27 de junho de 1876, no Diário da Bahia. Seu texto é o seguinte:

### **Antonio Conselheiro**

“Conhecido com este nome, apareceu em nosso sertão do norte, há cerca de dois anos, <sup>1</sup>um indivíduo que se diz chamar-se Antonio Maciel e que nos lugares onde se tem apresentado há exercido grande influência no espírito das classes populares, servindo-se para isto do seu exterior misterioso e costumes ascéticos com que impõe à ignorância e simplicidade de nossos camponeses.

Deixou crescer a barba e os cabelos, veste túnica de azulão pouco aceiada e alimenta-se muito tenuamente, sendo quase uma múmia<sup>2</sup>.

Acompanhado de duas mulheres, que diz serem professoras, vive a rezar terços e ladainhas e a pregar e dar conselhos às multidões que reúne onde lhe permitem os párocos e movendo sentimentos religiosos vai arrebanhando o povo e guiando a seu gosto<sup>3</sup>.

Revela-se homem inteligente, mais sem cultura. <sup>4</sup>

Com estas armas, se tem conduzido o auditório a atos de selvageria, obrigando as mulheres a cortarem seus cabelos, queimando os xales e até as botinas, como objetos de luxo condenados pela religião, <sup>5</sup> também há reedificado templos como aconteceu com a capela da Rainha dos Anjos no Itapicuru e construção de cemitérios<sup>5ª</sup>.

Esse misterioso, que dizem viera do Ceará e tem percorrido nosso centro, acaba de ser preso pelo delegado de polícia de Itapicuru e é aqui esperado nestes dias, pois foi uma escolta para conduzi-lo <sup>6</sup>

Teve do delegado de polícia ordem de prisão em nome do chefe de polícia e donde se achava veio por si acompanhado do povo, que o ouve e atende, recolher-se à prisão e se achará na cadeia de Itapicuru, onde pelo delegado foi posto incomunicável.<sup>7</sup>

Se Antonio Conselheiro não é um grande hipócrita, que sob suas humildes aparências, oculta algum tartufo de nova espécie, não passa de um fanático. Será um criminoso? Dir-nos-á a polícia que ordenou sua captura.”

Ainda o mesmo jornal, em sua edição de 7 de julho, publicava:

### **Antonio Conselheiro**

Este indivíduo, de que já demos notícia, chegou ontem do Itapicuru.

Desta cidade, depois de interrogado pelo chefe de Polícia que nos consta fizera despir a túnica, somos informados que deve seguir para o Ceará, no vapor Pernambuco.<sup>8</sup>

É de crer que para fazê-lo tenha a polícia tido alguma requisição da autoridade daquela província; do contrário seria uma violência, que afinal equivaleria a uma deportação, para a qual não julgamos autorizado o sr. dr. Chefe de Polícia”<sup>9</sup>.

Duas outras gazetas soteropolitanas, no mesmo dia, com idêntico título, divulgaram a notícia da prisão e do envio do Conselheiro para Fortaleza, no Ceará. Foram elas: o Jornal da Bahia e o Correio da Bahia. Eis, respectivamente, como saíram as notas, que indicam a mesma procedência de informações.

### **Antonio Conselheiro**

“No Pernambuco seguiu ontem para a província do Ceará, a fim de ser ali presente ao sr. chefe de Polícia<sup>10</sup>, o indivíduo Antonio Vicente Mendes Maciel, vulgo Antonio Conselheiro, que apareceu em diversos lugares do interior desta província<sup>11</sup> e ultimamente na Missão da Saúde, termo de Itapicuru, dizendo-se enviado de Cristo e afetando grandes virtudes, com os pés descalços, os cabelos da cabeça e da barba extremamente crescidos e vestido com uma túnica azul.

Esse indivíduo conseguiu insinuar-se no ânimo da população e adquiriu fanáticos adeptos pelas doutrinas supersticiosas que pregava <sup>12</sup>.

S. Exa. Revdma, o sr. vigário capitular, requisitou ao sr. dr. Chefe de Polícia a prisão deste hipócrita, por haver as mais fundadas suspeitas de ser ele um dos célebres foragidos do terrível morticínio que deu-se no Ceará em novembro de 1872 e cuja prisão foi recomendada pelo dr. chefe de Polícia daquela província<sup>13</sup>.

Antonio Conselheiro recusou obstinadamente responder ao interrogatório que lhe foi feito na secretaria de Polícia, sendo por isso enviado para o Ceará a fim de ser ali processado<sup>14</sup>.

O sr. dr. Chefe de Polícia é digno de louvor pela importante prisão que acaba de realizar” <sup>15</sup>. (Jornal da Bahia)

## **Antonio Conselheiro**

“Seguiu ontem no vapor nacional Pernambuco, a fim de ser apresentado ao sr. chefe de Polícia do Ceará, o indivíduo Antonio Vicente Mendes Maciel, conhecido por Antonio Conselheiro, e de quem já se ocupou a imprensa desta terra<sup>16</sup>”

Este indivíduo apareceu em diversos lugares desta província e ultimamente na Missão da Saúde, no termo do Itapicuru, dizendo-se enviado de Cristo e afetando, com a maior hipocrisia, grandes virtudes, com os cabelos crescidos sobre os ombros e as barbas longas, metido em uma túnica azul, de pés descalços; insinuando-se no ânimo da população daquela localidade, pregando doutrinas errôneas e supersticiosas com o que adquiria fanáticos adeptos e desmoralizando em suas prédicas as autoridades e até os vigários. .

Contra esse escândalo reclamou providências o exmo. sr. vigário capitular ao sr. dr. chefe de Polícia, que tendo as mais fundadas suspeitas de ser o indivíduo em questão um dos célebres criminosos do terrível morticínio que deu-se no Ceará em novembro de 1872, cujos autores em grande parte andam foragidos, tendo sido a captura deles recomendada pelo dr. chefe de Polícia daquela província, mandou buscar a esta capital e fez seguir com o destino acima dito.

Antonio Conselheiro chegado à secretaria de policia, negou-se obstinadamente a responder o interrogatório que lhe foi feito.

Quem não se tiver esquecido do célebre Maurer, que, como Antonio Conselheiro apareceu dizendo-se Messias, quem lembrar-se de que está quente o sangue das vítimas de que foi causa este perturbador da ordem pública na província do Rio Grande do Sul, certamente não poderá deixar de reconhecer o acerto da providência tomada pelo digno chefe de polícia desta Província<sup>17</sup> (Correio da Bahia).

## NOTAS



<sup>1</sup> O dr. Cícero Dantas Martins, barão de Jeremoabo, político prestigioso no Itapicuru, num artigo publicado, a 4 de março de 1897, no Jornal de Notícias, Bahia, afirmou que o Conselheiro chegara ao seu município em 1874, quando ele se encontrava no Rio de Janeiro como deputado geral. Portanto parece certo considerar, como disse o Diário, que o Conselheiro estava no interior da Província há dois anos.

<sup>2</sup> O pouco asseio e a frugalidade do Conselheiro são traços acentuados em todos os depoimentos a seu respeito. Quase não comia. Alimentava-se de mingau, em prato pequeno ou de um pouco de peixe.

<sup>3</sup> O delegado de Polícia de Abrantes, Antonio Joaquim Pereira de Azevedo, a 14 de março de 76, oficiando ao chefe de Polícia, dizia que Antonio Vicente estava no distrito de Cipó, acompanhado de dois caudatários, que chamavam apóstolos, ambos de 45 anos mais ou menos e de duas mulheres ditas beatas. Um dos “apóstolos” seria Paulo José da Rosa, que foi preso com o Conselheiro em Itapicuru. Era pessoa de sua absoluta confiança. A ele se dirigiam, inicialmente, todos quantos desejassem falar com o Bom Jesus. No Instituto Histórico da Bahia há uma carta autógrafa do Conselheiro enviada a Paulo José da Rosa que faleceu velho em Canudos. Supomos que uma das beatas fosse Benta, que acompanhava o Conselheiro em sua permanência na localidade Bom Jesus, hoje Crisópolis.

<sup>4</sup> O delegado de Abrantes, no ofício já citado, escreveu que o Conselheiro era “homem que dizem ser de cor branca, com 40 anos de idade mais ou menos, brasileiro, diz-se chamar-se Antonio Conselheiro, ignorando-se sua procedência porque não se presta a explicações, sem nenhuma instrução, aliás rústico a último ponto, pois segundo me informaram não sabe expressar-se na própria língua”. Talvez o jornalista do Diário tivesse tido conhecimento dessa opinião.

<sup>5</sup> Jeremoabo declarou que o peregrino pregava contra o luxo. Nas ruas e nas estradas faziam-se montes de xales, vestidos, saias, chapéus de Chile e de feltro, sapatos de trança que eram entregues à voracidade dos incêndios. Nos primeiros tempos, a “doutrina” era contrária ao luxo. Parece que, com o correr dos tempos, diminuiu a intensidade de tal combate.

<sup>5a</sup> Segundo Honório Vilanova, jagunço de Canudos, num depoimento recolhido por Nertan Macedo, Antonio Vicente prometera construir 25 igrejas ou capelas. Cremos que a reedificação da igreja de Rainha dos Anjos, na freguesia de Itapicuru, foi o primeiro trabalho, realizado no período 74–76. Quanto aos cemitérios, sabemos, de positivo que, em 1875, Antonio Vicente procurou o vigário da freguesia de Aporá, padre João José Barbosa, oferecendo-se para concluir o cemitério local, iniciado pelos padres lazaristas, desde que a autoridade eclesiástica lhe permitisse rezar terços e pregar. O sacerdote procurou ouvir o vigário capitular, de quem recebeu resposta afirmativa de relação à prática do terço, porém, formalmente contrária à permissão para o Conselheiro pregar. Não sendo atendido em todos seus desejos, Antonio Vicente desistiu de fazer a obra do cemitério e depois, desobedecendo às ordens da Igreja, andou pregando em vários sítios da Freguesia, o que deu motivo a uma correspondência do pároco para a arquidiocese, classificando o procedimento como vil e fazendo muitas outras queixas do “enviado de Cristo”.

<sup>6</sup> O Conselheiro foi preso no dia 6 de junho, juntamente com Paulo José da Rosa. A ordem de prisão partira do chefe de Polícia da Bahia, dr. João Bernardo de Magalhães, que neste sentido oficiara ao delegado de Itapicuru a 30 de maio. Efetuada a prisão, houve uma exaltação dos conselheiristas, que anunciavam a intenção de atacarem a cadeia para libertarem seu “santo”. Diante das ameaças, o delegado pediu força ao chefe de Polícia, que, por seu turno, oficiou ao presidente da Província, dr. Luiz Antonio da Silva Neves, tendo S. Excia determinado a ida de uma tropa de linha, comandada pelo alferes Diogo Antônio Bahia, composta de 15 homens para trazer o preso. A diligência custou aos cofres provinciais a quantia de 111\$500, mandada pagar ao alferes no dia 11 de julho.

<sup>7</sup> Chamava-se Francisco Pereira Assunção o delegado em exercício, que efetuou a prisão de Antonio Vicente.

<sup>8</sup> A 5 de julho, o Presidente da Província oficiou ao agente da Companhia Brasileira mandando dar uma passagem por conta do Ministério da Justiça em nome de Antonio Vicente Mendes Maciel, bem assim aos dois guardas policiais que iriam escoltá-lo. Na mesma data, o chefe de Polícia pediu ao capitão dos Portos um escaler para levar ao Pernambuco o preso e sua escolta.

<sup>9</sup> Sendo o Diário da Bahia um jornal oposicionista, por que defendia a política liberal contra os conservadores no poder, aproveitou o ensejo para criticar a medida do dr. João Bernardo de Magalhães.

<sup>10</sup> O chefe de Polícia do Ceará era o dr. Vicente de Paula Cascais Teles, a quem seu colega da Bahia, em ofício de 5 de julho, apresentou o Conselheiro, que julgava um criminoso foragido. Em virtude, porém, da situação que o mesmo criara no interior da Província, caso não fosse um criminoso, pedia para ele as vistas constantes das autoridades cearenses a fim de impedir sua volta à Bahia.

<sup>11</sup> Até então, pelo que nos foi possível averiguar, o Conselheiro percorrera as freguesias de Itapicuru, Araçás, Barracão, Abrantes, Aporá. Há notícias seguras da sua presença em vários, lugares das mencionadas freguesias. No termo do Itapicuru, conforme já vimos, seu aparecimento ocorreu em 74. Chegou numa terça-feira, adianta tradição ainda corrente, tendo ficado com seus seguidores numa casa abandonada de um sr. Miguelzinho, defronte da residência do major Boaventura da Silva Caldas, apelidado seo Boa, comerciante e fazendeiro, delegado de Polícia. Ausente da vila no dia da chegada do Conselheiro, o delegado ao regressar de sua propriedade achou que o sossego público estava prejudicado com a algazarra dos conselheiristas, que rezavam o ofício de madrugada. Antonio Conselheiro, advertido pelo major Boa, aconselhou prudência ao seu pessoal, porém não foi atendido. Criou-se um clima de inquietação. Os recém-chegados e seus adeptos locais começaram a hostilizar o delegado, espalhando que, por castigo, cairiam os dedos das mãos de quem fosse comprar, na loja do major. O vigário da paróquia, adversário político do barão de Jeremoabo de quem o delegado era correligionário e amigo, censurou, do púlpito, a ordem de proibição das rezas. O padre Agripino da Silva Borges fazia sua politicazinha. O jardim da casa de morar de Boaventura Caldas amanheceu um dia cheio de "cacetes", o que representava a mais decidida hostilidade. A autoridade apelou para o chefe de Polícia. Um alferes foi buscar o Conselheiro, que atravessou o rio Real e indo pregar em Campos, na vizinha Província de Sergipe. Malograra-se a diligência policial. Já relatamos, suscintamente, o caso de Aporá, onde o vigário terminou desautorado. Na freguesia de Araçás, revestiam-se os fatos de maior gravidade. Três pessoas teriam perdido a vida num dos momentos em que o Conselheiro pregava e uma mulher foi tomada de alucinação. Finalmente, na freguesia do Barracão, cujo vigário, padre João Alves da Silva Paranhos, em maio de 76, considerava-se ameaçado pelo "inculcado penitente".

<sup>12</sup> Em Cipó, conforme o delegado de Abrantes, o Conselheiro trazia consigo as imagens do Crucificado e de N. Senhora, colocando-as sobre uma mesa para os fiéis beijá-las e depositarem esmolas ao lado.

<sup>13</sup> A prisão de Antonio Conselheiro foi, realmente, por causa do pedido do vigário capitular. Historiemos os fatos consultando os arquivos do Estado e da Igreja. A 17 de março de 1876 o sr. chefe de Polícia remeteu ao vigário capitular um ofício do delegado de Abrantes referente ao que estava o Conselheiro fazendo no distrito de Cipó, ao tempo em que solicitava informações a respeito de alguma autorização concedida pelo vigário da freguesia do Divino Espírito Santo de Abrantes para a prática de tais atos. Imediatamente, dirigiu-se o monsenhor ao cônego Emílio de Santana Pinto pedindo as necessárias informações. No mês seguinte, já era o vigário capitular quem se dirigia à autoridade policial da Província transmitindo um ofício-queixa do vigário de Senhor Deus Menino dos Araçás, justamente preocupado pelo que se estava desenrolando em sua jurisdição eclesiástica com a presença de Antonio Vicente. Em maio, de novo, um pároco sertanejo apresentava, com cores fortes, a situação de sua paróquia, pedindo a intervenção do chefe de Polícia. Denunciava o vigário do Barracão que o Conselheiro, vindo pela segunda vez à freguesia, mostrava-se mais audacioso, faltando com o respeito à sua autoridade de sacerdote, bradando que ninguém poderia impedi-lo de pregar, declarando-se garantido. Temia o padre José Alves da Silva Paranhos graves acontecimentos, recordando o que sucedera, em 74, no Itapicuru. Não se fez demorada a ação do responsável pela Arquidiocese. Pediu "as providências julgadas necessárias". O ofício traz a data de 26 de maio. A 30, respondia-lhe João Bernardo de Magalhães declarando que mandara força para a vila do Conde e dirigira-se ao delegado do Itapicuru mandando prender o indivíduo de nome Antonio Conselheiro.

<sup>14</sup> Lê-se no ofício do chefe de Polícia ao do Ceará: "mandei buscar à capital onde obstinadamente não quis responder ao interrogatório que lhe foi feito, como V.S. verá no auto junto".

<sup>15</sup> O Jornal da Bahia era da situação dominante, donde seu aplauso ao ato do dr. Magalhães, que o órgão liberal pusera em dúvida.

<sup>16</sup> A que notícia se referia o Correio da Bahia, a 7 de julho? Como não houvéssemos encontrado qualquer registro anterior ao do Diário de 27 de junho, admitimos ser esse o noticiário a que se reportava o Correio da Bahia.

<sup>17</sup> A advertência do jornalista baiano era profética. Previa a tragédia sertaneja de 1897, que tantas vidas ceifou. O Maurer invocado era João Jorge Maurer, colono no Rio Grande do Sul que, juntamente com sua esposa, Jacobina Mentz, praticante anabatista, dirigiu o movimento dos mukers, no sul do País, que terminou sendo destruído pelas forças governamentais. A respeito do assunto há um livro do pe. Ambrosio Schupp, intitulado Os mukers. No seu trabalho sobre o Messianismo no Brasil e no mundo, Maria Isaura Pereira de Queiroz estuda a manifestação messiânica do Rio Grande do Sul.